



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

O REFORÇO COMO DIREITO DE APRENDER OU COMO AÇÃO PALIATIVA DA ESCOLA FRENTE À SUA DIFICULDADE EM LIDAR COM AS DIFERENÇAS DE APRENDIZAGEM

Lethicia Ormedo Leite Canhete¹; Liliane Thomaz dos Santos²; Almerinda Maria dos Reis Vieira Rodrigues³.

UEMS/UMA- Caixa Postal 79150-000-Maracaju-MS, E-mail: lethicia_c_@hotmail.com

1 Bolsista de Iniciação a Docência. 2 Bolsista de Iniciação a Docência. 3 Co autora, Professora UEMS/UMA.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir sobre as experiências vivenciadas durante as atividades práticas realizadas na Escola Estadual Manoel Ferreira de Lima durante o ano de 2013, a partir do ingresso no PIBID. Essas atividades aconteciam no contra turno, como forma de reforço escolar. Seguíamos orientações e o acompanhamento de uma coordenadora da área de matemática e outra da área de português. O reforço tem por objetivo ajudar as crianças que não conseguem desenvolver suas habilidades dentro da sala de aula, seja porque tem dificuldade, pela super lotação das salas, pela má qualificação dos professores, entre outros e dessa forma a escola viu uma oportunidade de proporcionar às mesmas algo diferenciado, a partir da ludicidade. Pudemos acompanhar o desabrochar de muitas crianças, o que nos levou a analisar da necessidade e perpetuação do reforço escolar em uma época em que se fala em ritmos, interesses e capacidades diferenciados. A questão, somada às discussões nos permitiu chegar à conclusão de que apesar das mudanças ocorridas na escola, esta ainda não sabe lidar com as diferenças de aprendizagem e apostam no reforço escolar como uma medida paliativa.

PALAVRAS-CHAVE: PIBID. Reforço Escolar. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

De acordo com as discussões promovidas pelo Curso de Pedagogia, se o aluno tiver uma boa formação dentro da sala de aula, não irá precisar de reforço, mas o que seria uma boa qualificação?

Os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil afirmam que:

Um dos fatores que mais influem na qualidade da educação é a qualificação dos profissionais que trabalham com as crianças. Professoras bem formadas, com salários dignos, que contam como apoio da direção, da coordenação pedagógica e dos demais profissionais – trabalhando em equipe, refletindo e procurando aprimorar constantemente suas práticas – são fundamentais na construção de instituições de educação infantil de qualidade. (BRASIL, 2009, p.54)

As qualidades apontadas pelo documento vão além das questões voltadas aos conteúdos e métodos estudados na graduação. Como garantir que professores “busquem aprimorar constantemente suas práticas”? Essa é uma questão muito subjetiva que envolve concepções e comprometimento.

A primeira, sabemos, é resultante de um processo longo de vivências e reflexões que permeiam a vida dos profissionais e a segunda, é resultante de que? Não basta conhecimento, recursos pedagógicos ou diploma, o comprometimento é algo individual! Pensemos, então, pelo lado do aluno: porque eles não aprendem tudo?.

Assim como na história dos Métodos de Alfabetização, estamos à busca do culpado: o problema é do método ou das crianças que não demonstram interesse, ou ainda dos pais que não ajudam, porque a educação é escassa, porque há super lotação nas salas de aula e, voltando à questão original sem nenhuma resposta além das hipóteses iniciais, porque os professores não estão sendo qualificados adequadamente.

Considerando que o curso de graduação não possui receitas diferentes para os diferentes problemas da escola, começamos a refletir à luz das teorias estudadas, o que fazer. Lembramo-nos de que é necessário conhecer a realidade para depois pensarmos um planejamento mais aproximado.

Nos primeiros dias observamos que realmente as crianças tinham bastante dificuldades com matemática. Não sabiam direito como armar continhas, como interpretar problemas; tinham problemas com a tabuada e com a unidade, dezena e centena, enfim, conheciam os números, sabiam distinguir uma conta da outra, mas não sabiam quando utilizar um ou outro tipo de cálculo. De posse desse conhecimento, seguimos para o próximo passo: o que fazer?

Segundo os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil:

As professoras devem planejar atividades variadas, disponibilizando os espaços e os materiais necessários, de forma a sugerir diferentes possibilidades de expressão, de brincadeiras, de aprendizagens, de explorações, de conhecimentos, de interações. A observação e a escuta são importantes para sugerir novas atividades a serem propostas, assim como ajustes no planejamento e troca de experiências na equipe. (BRASIL, 2009, p.40)

Para o planejamento, lembramo-nos de Amaral que apoiada em Vygotski diz que a forma pela qual as crianças aprendem melhor é a partir da brincadeira. Dessa forma, sem brincadeira o aprendizado se torna mais difícil e sem significado. Com isso decidimos que deveríamos planejar uma aula com jogos, colocando pequenas situações do cotidiano para que começassem a tomar gosto e a perceber que matemática está em nossas ações diárias e que as contas são apenas uma das formas de registro da matemática.

As crianças adoraram! Questionamos porque os professores não levam os jogos para a sala e obtivemos como resposta: “... porque são muitos os alunos em sala de aula”, “acaba virando bagunça”, “tem muito conteúdo e não dá pra ficar brincando” [...]. Como o número de crianças no reforço era reduzido, realizamos nosso planejamento de acordo com as orientações e discussões realizadas na Universidade e com a coordenadora do PIBID. Nosso desafio era trabalhar com atividades diferenciadas.

Começamos pela adição e subtração, utilizando recursos diferenciados que lhes permitissem compreender o processo e o resultado foi satisfatório porque as crianças ainda tinham dúvidas, no que tinha sido trabalhado pelo professor regente e com a nossa ajuda e o apoio do material dourado, palitos e tampas, aprenderam. Depois de explorar bem a adição e subtração começamos a trabalhar com a multiplicação da mesma forma, com jogos, como por exemplo, o jogo da velha com multiplicação que trabalha o raciocínio lógico, o debate com a tabuada, entre outros.

Com esses jogos os alunos conseguiram compreender com facilidade. Com a compreensão da tabuada as crianças entenderam o raciocínio lógico e com isso começaram a desenvolver suas habilidades em matemática. A frequência no reforço é fraca só vêm às crianças que querem, algumas vieram só um dia, mas também tem aqueles que não faltavam nenhum dia.

Os planejamentos foram feitos com antecedência e foram pensados com carinho, pensando nas dificuldades apresentadas por cada aluno. As atividades aplicadas foram

diferenciadas para cada ano (2º, 3º e 4º) e as crianças demonstraram bastante interesse e progresso.

Dessa forma, ficou-nos a impressão de que, tal como a alfabetização, a aprendizagem da matemática necessita de um ambiente organizado pela intencionalidade pedagógica, que possibilite a interação entre os alunos e os remeta para a função social da matemática. Para isso deve estar organizada de forma que considere que a brincadeira, a imaginação, a expressão a partir de múltiplas linguagens são direitos que contribuem para a aprendizagem e o desenvolvimento.

É necessário que haja recurso suficiente e, acima de tudo, a mediação do professor, pois os recursos não têm um fim em si mesmo, exigindo dessa forma o conhecimento das funções e das regras e o movimento de problematização, discussão e sistematização dos conhecimentos matemáticos. É fundamental que as crianças conheçam a proposta de trabalho que deve possibilitar o registro enquanto comunicação de ideias, organização de dados e de leitura do mundo.

É necessário que a matemática seja muito mais do que números e sinais, pois ela é a resolução de pequenos e grandes problemas vivenciados por todas as pessoas em seu dia a dia. É necessário romper com as regras e reconhecer as diferentes possibilidades de fazer e viver a matemática.

CONCLUSÃO

Com isso queremos dizer que não seria necessária a existência das aulas de reforço se as crianças estivessem no centro das preocupações do processo pedagógico. E podemos dizer também que a questão não é tão simples e vai muito além da “boa formação do professor”. Se as crianças estivessem no centro de todo o processo pedagógico, não haveria salas superlotadas, professores sem auxiliares, salas sem materiais pedagógicos, a ordem do silêncio enquanto o objetivo é o desenvolvimento de diferentes linguagens.

Dessa forma, enquanto isso não acontecer, a aula de reforço é um direito das crianças frente à incapacidade da escola ou do nosso sistema de educação em lidar com a questão. As aulas de reforço se constituem apenas em uma ação paliativa da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: matemática**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vigotsky. IN: FARIA, Ana Lúcia Goulart e MELLO, Suely Amaral (orgs.). **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. Campinas: Autores Associados, 2005, p.23-40.

